



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA SURDA EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs): UM ESTUDO SOBRE O PERSONAGEM “HUMBERTO” DA TURMA DA MÔNICA

Autora Júlia NEVES GONÇALVES (Letras/ UFCG)

Coautora Priscila NUNES BRAZIL (Letras/UFCG)

Orientadora Profa. Dra. Shirley Barbosa DAS NEVES PORTO (UFCG)

Pensando na importância da Literatura Infantil na formação social da criança buscamos, com o presente trabalho, analisar de que forma a criança surda é representada no gênero História em Quadrinhos (HQs). Dessa forma, a fim de compor o corpus do presente trabalho foram selecionados alguns exemplares da Turma da Mônica nos quais encontramos o personagem “Humberto”. Este, por sua vez, se constitui enquanto um menino surdo que, no decorrer do tempo, começa a se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim, a partir dessa análise, podemos observar como a literatura, em especial a infantil, através da HQ, que é um gênero que suscita grande curiosidade e interesse de leitura por associar palavras e imagens entre si, trata a questão da criança surda em suas narrativas. Fundamentamos-nos para refletir sobre HQs em Amarilha (2013) e Silvério e Rezende (2012). No que se refere aos aspectos específicos do mundo dos surdos: língua, cultura e identidade surda, dialogaremos principalmente com Goldfeld (2002) e Strobel (2009).

Palavras-chave: Identidade Surda; Histórias em Quadrinhos; Literatura Surda.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



INTRODUÇÃO

Quando se fala em Literatura Infantil, não há como negar que um dos gêneros mais populares entre o público leitor e os educadores são as Histórias em Quadrinhos – HQs. Motivos não faltam para essa constatação, uma vez que, além do atrativo lúdico que a leitura quadrinizada comporta, as histórias trazem consigo temáticas significativas sobre questões de cunho sócio-político e pedagógico.

Partindo desse pressuposto, a Literatura é uma ferramenta de grande importância para disseminar tendências de seu tempo, pois é vista não unicamente por sua dimensão lingüística, mas como manifestação e organização da visão do mundo a partir de realidades históricas e sociais. E uma das temáticas que a literatura infanto-juvenil tem buscado aderir em suas produções é a temática do “diferente”, através da criação de personagens fora dos padrões impostos pela cultura normativa. E as histórias em quadrinhos (HQs) passam a potencializar e difundir ainda mais essa temática.

Para entendermos melhor essa adesão, pensemos na compreensão do termo “cultura”, que começou a aderir o discurso de pluralidade, a partir do pós-modernismo, dessa forma, atualmente, busca-se desmistificar a teoria de que a cultura seja unitária e estruturada no conceito de “hegemonia”, conceito este que evidencia, segundo Strobel (2008), a necessidade de sermos perfeitos para pertencermos a sociedade, se não estaríamos excluídos.

Nesse sentido, os estudiosos ao enfatizarem a existência de culturas no plural, trouxeram um novo olhar sobre a forma de enxergar o outro, percebendo a necessidade de comportamentos e práticas sociais de cunho coletivo, na medida em que, o ser humano, desenvolve sua língua, seu modo de compreender o mundo, sua cultura, ou seja, sua identidade, em contato com o seu espaço cultural e seus integrantes e não isolado do mundo.

Sendo assim, objetivamos, com o presente trabalho, analisar de que forma a criança surda é representada no gênero História em Quadrinhos (HQs). Nesse sentido, foi selecionado um exemplar da Turma da Mônica no qual encontramos o personagem “Humberto”. Este, por sua vez, se constitui enquanto um menino surdo que, no decorrer do tempo, começa a se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim, a partir dessa análise, traçamos como objetivo



específico, perceber como a literatura, em especial a infantil, através da HQ, discute as representações do personagem “Humberto” do gibi “Turma da Mônica”, enquanto personagem “especial”.

No tópico 1, intitulado “O gênero História em Quadrinhos na formação do leitor”, nos embasamos em Amarilha (2012) a fim de abordar as características que tornam as HQs um gênero de grande importância no processo de formação social e lingüística da criança, já no tópico 2 - “O desenvolvimento da linguagem na formação da criança surda” discutiremos algumas concepções Vygotskyana sobre a abordagem histórico-cultural do funcionamento psíquico humano, a partir de Silva (2002), em seguida, no tópico 3 – Olhares ainda presentes sobre a surdez, voltaremos nosso olhar para o “universalismo” e as formas de desmitificá-lo, segundo Strobel (2008), e por fim, o tópico 4 – O personagem “Humberto” é dedicado à análise do *corpus*, este por sua vez foi dividido em 4 partes – PARTE 1, PARTE 2 e assim sucessivamente.

1. O gênero História em Quadrinhos na formação do leitor

A escolha do gênero História em Quadrinhos como *corpus* dessa pesquisa não se deu de forma aleatória ou, apenas, devido à repercussão comercial, mas como o texto dessa natureza pode contribuir para a formação cognitiva e cultural do leitor infanto-juvenil.

Um dos primeiros aspectos que Amarilha (2012) destaca sobre o gênero em questão é o fato das personagens dos quadrinhos terem uma cidadania ficcional. Por exemplo, como a própria autora destaca, temos o comportamento anti-higiênico de Cascão – personagem da “Turma da Mônica”, que é sua marca pessoal no universo quadrinizado.

Amarilha (2012) explica que esses traços estereotipados dos personagens da narrativa das HQs são essenciais para que haja uma identificação da criança com os mesmos e que isso é fruto da própria estrutura do gênero, em suas palavras:

A história em quadrinhos apresenta uma narrativa breve em que é mostrado um episódio na vida dos personagens. (...) Nos quadrinhos da Turma da Mônica, os personagens são criados para se manterem inalteráveis, pois são feitos para se reproduzirem em série. Os personagens são criados para participarem em universo que a repetição dos comportamentos são a garantia de sua continuidade (...) (p.111)

Além desse aspecto, a identificação da criança com os personagens também se dá pelos constantes desafios e descobertas que estes vivenciam a cada episódio. Dessa forma, a autora afirma



que mesmo sendo um gênero cômico, há um toque de drama na narrativa, que além de tornar a história mais interessante, acaba fazendo com que o leitor estabeleça um comparativo entre a ficção e a realidade a partir daquela leitura. Vejamos:

No universo da Turma da Mônica infantil domina o humor. Seus personagens vivem enredos em que ficam evidenciadas suas fragilidades como criaturas em processo de crescimento. (...) Colher dessa experiência aprendizado é meta possível para essas leituras, pois promove a educação do olhar e da sensibilidade e possibilita julgar as escolhas que podem ser feitas na vida por meio da ficção. (ibidem, p.114-116)

Assim, podemos perceber no decorrer desse tópico, as características que fazem com que esse gênero seja um dos principais alvos para pesquisas e estudos sobre o processo de formação da criança. Após refletir sobre esse aspecto, passaremos agora para a análise do *corpus* da presente pesquisa.

2. O desenvolvimento da linguagem na formação da criança surda

Sabemos que ao tomar um gênero textual – História em quadrinhos, como objeto de análise de uma pesquisa, estamos levando em consideração de que forma esse tipo de texto contribui para a formação social e comunicativa de uma criança. Segundo a autora, as pesquisas que se enveredam por esse caminho devem levar em conta as contribuições teóricas de Marx e Vygotsky, na medida em que, os mesmos buscavam entender o funcionamento psíquico humano, a partir de uma abordagem histórico-cultural.

Para Marx, a relação entre linguagem e consciência parece estar basicamente relacionada à necessidade de organização social e de intercâmbio entre homens. Essas considerações gerais sustentam a base conceptual das elaborações de Vygotsky; [...] de que a relação do homem com mundo é sempre mediada por um terceiro elemento, o signo, o instrumento e o outro, originando a formação social do pensamento. (idem, p. 33)

Podemos afirmar que essa abordagem envolve áreas do conhecimento que se intermedeiam como a Psicologia, a Filosofia, a História e claro, a Linguística, pois ambas se interessam pelas interações humanas na produção de cultura e de conhecimento. Nesse sentido, a autora afirma que é pela linguagem que “os homens vão criando e sendo criados por elementos mediadores que se



tornam elo de dizeres sobre práticas coletivas.” (p. 35)

Seguindo essa linha de pensamento, Silva destaca que Vygotsky buscando aprofundar seus estudos, passou a dar ênfase aos sujeitos que possuíam desenvolvimento atípico, com o intuito de analisar as peculiaridades na construção do plano lingüístico e cognitivo dos mesmos. O autor chegou à conclusão de que:

O desenvolvimento de uma criança normal e de uma criança deficiente segue as mesmas leis gerais; a diferença encontra-se nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, determinando formas singulares de interlocução com os outros e de intervenção no mundo. (idem, p. 36)

Dessa forma, o autor critica o enfoque de pesquisas puramente clínicas e biológicas e apresenta um novo modo de pensar a constituição do sujeito, centralizando as relações sociais e da dinâmica interativa.

No que diz respeito à surdez, a autora ainda sob a esteira de Vygotsky, afirma que o autor já reconhece a “mímica” como signo lingüístico, mas, que seu uso deveria servir como meio para garantir o acesso do surdo à linguagem oral.

Para esclarecer esse pensamento ainda preso ao método oralista e estruturalista, Silva cita as contribuições de Bakhtin, na medida em que segundo esse linguista:

O signo, por sua própria natureza fundante, é polissêmico, dessa forma todo jogo enunciativo baseia-se no diálogo [...] que só pode instaurar-se em função da reflexão existente entre os pares envolvidos no diálogo e nas expressões lingüísticas que vão sendo construídas. (idem, p.52)

Portanto, a língua de sinais cumpre esse quesito primordial de uma língua, que é o entendimento por ambos os envolvidos no diálogo, sejam eles surdos ou ouvintes. Para tanto, Silva conclui que o contato precoce do surdo com a língua de sinais é indispensável para o desenvolvimento do intelecto da criança, “ampliando suas relações com o mundo e garantindo seu pertencimento ao seu grupo social e o reconhecimento de sua identidade cultural.” (ibidem, p. 52)

A seguir, veremos como esse reconhecimento da Libras como língua ainda não foi totalmente absorvido por parte da sociedade, apesar do grande avanço que houve desde as contribuições de Vygotsky e Bakhtin até os dias atuais.

3. Olhares ainda presentes sobre a surdez



Na introdução falamos sobre como o entendimento sobre a existência de culturas, no plural, e não de uma cultura homogênea é bem recente. E por ser algo que ainda está em processo de adequação, a sociedade demonstra certa resistência a determinadas culturas, como por exemplo, a cultura surda. Segundo Strobel (2002), as pessoas ainda estão presas à ideologia do “universalismo”, o que acaba por refletir na representação que criamos sobre os surdos ou qualquer outro grupo, que não se encaixe no padrão universal. Nas palavras da autora:

A sociedade muitas vezes afirma que o povo surdo tem sua cultura, mas não a conhece. Comentam e afirmam que como na sociedade a maioria dos sujeitos é ouvinte, o sujeito surdo tem que viver e submeter-se a essa maioria que o rodeia. (p.82)

A partir dessa noção de estarmos em maior número, não nos sentimos motivados a conhecer uma cultura diferente da que prevalece e assim, por falta de conhecimento, vamos criando inconscientemente estereótipos sociais para nos referir aos que não se encaixam nessa generalidade, como “deficientes”, “mudos”, “anormais” e assim por diante.

Porém, esses sujeitos, que antes se sentiam na obrigação de se adequarem ao oralismo para serem aceitos pela sociedade ouvinte, buscam defender suas identidades culturais e exigem reconhecimento. “Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas ‘diferenças’ e assim respiram com mais orgulho e riqueza da suas condições culturais!” (ibidem, p.85)

Tanto é, que hoje, está havendo um maior interesse pela cultura surda por parte não só de profissionais da Educação e Saúde, mas por ouvintes que estão percebendo a presença no seu círculo social de surdos, que estão cada vez mais ativos e independentes. Assim, esse “universalismo” tão predominante, anteriormente, vai se extinguindo, quando começamos a estudar sobre a cultura surda e a Libras, o que Strobel vai chamar de “relação intercultural”. A autora afirma que:

O povo surdo pode se aproximar de cultura ouvinte como uma opção e ter uma relação de trocas e compartilhamento de ambas as culturas, procurando respeitar as suas diferenças. (pgs.109-110)

Imbuídos dessa relação intercultural, veremos mais adiante, de que forma o gênero História em Quadrinhos trabalha para que haja uma nova representação da surdez longe dos moldes universalistas.



4. O personagem “HUMBERTO”

A edição escolhida como *corpus* do presente trabalho constitui-se pela edição de número 239, da revista quadrinizada da “Turma da Mônica”, publicada em 2006, intitulada “Aprendendo a falar com as mãos”. Porém, achamos pertinente apresentar uma definição do personagem foco de nossas discussões, que está presente no site oficial da revista quadrinizada – turmadamonica.uol.com.br.

HUMBERTO

Humberto, amiguinho de toda a Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... Uns acham que ele é mudinho. Outros, que economiza a voz. Mas, enquanto isso, ele vai aprontando suas confusões. Por exemplo: quando alguém lhe pergunta “quantos doces você quer?”, ele nunca conseguiu ganhar dois. Sempre ganha apenas um!

MAURICIO

? CURIOSIDADES

O Humberto foi criado na década de 1960, pelo Mauricio, pensando nas milhares de crianças mudas que existem e que, mesmo sem poder falar, são ativas, normais, saudáveis... que vivem e brincam como qualquer criança.

Observem que, apesar de que a intenção do autor da página fosse apresentar o personagem de forma bem humorada e o menos estigmatizada possível, o mesmo acabou fazendo uso de expressões que ainda carregam a cultura hegemônica, como “mudinho”, “mudas” e “normais”. Percebam que essas colocações são vestígios do que discutimos anteriormente sobre o conceito de “universalismo” a partir das contribuições de Strobel (2002).

A seguir, dividimos o exemplar escolhido para análise em partes – Parte 1, Parte, 2 e assim



por diante, e abaixo analisamos gradativamente como o personagem “Humberto” se apresenta no



decorrer desse episódio.

PARTE 1

Inicialmente, Humberto é apresentado como a criança que, pelo fato de não ser ouvinte, acaba sendo vítima de atitudes mesquinhas como a da personagem “Magali”, que mesmo sabendo que o mesmo não pode falar, o oferece, oralmente, um picolé. Humberto responde como pode e Magali conclui que aquele murmúrio seja um “não”, sem levar em conta a expressão facial de seu interlocutor que aparenta estar servido, e assim, ao tentar ir embora satisfeita por Humberto não ter



“falado” se queria o picolé, a menina é interrompida por “Cascão”, que observava a conversa mais afastado. Cascão reprime a atitude de Magali e os dois acabam tendo uma pequena discussão, enquanto, deixando Humberto de lado e ao tentar participar da conversa, Cascão pede para que o mesmo se afaste, que ele resolveria o assunto.

A atitude de Cascão e Magali é para Strobel (2012) típica das pessoas que possuem algum parente ou conhecido com algum tipo de diferença marcada. Em suas palavras, “em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas, devido às barreiras de comunicação.” (p.51)

A narrativa que Moura (2000) faz da história de Ricardo, um surdo paulista, nos possibilita uma ilustração dessa realidade na vida cotidiana de muitos surdos que, de modo semelhante a Humberto, ficam “de fora” de conversas, muitas vezes, diretamente relacionadas a eles.

Esta não é uma história única, apesar de contar o trajeto de vida de um indivíduo com suas próprias marcas e sua forma específica de reagir frente aos problemas. [...]

“Ricardo era um menino pequeno, deveria ter uns cinco anos. Lá estava ele, sentado na sala, brincando. Ao seu lado estava sua família. [...] Todos conversavam, riam, passavam a mão na sua cabeça. O problema era que ele não entendia nada. O que lhe restava era ficar olhando aquilo que ele não entendia bem o que era; as pessoas ficando sérias, rindo ou brigando. Por quê? Ele não sabia.

Quando precisavam chama-lo eles o tocavam, já que não adiantava nada chama-lo pelo nome. Assim, ele era tocado quando eles queriam dizer-lhe que estava na hora do banho, do almoço, de se trocar, de sair. Ele não poderia entender nada nada do que lhe era dito porque era surdo. (pgs. 9 e 10)

Temos, assim, na HQ que ora analisamos, uma representação de uma realidade vivida por muitos surdos em todo o Brasil.

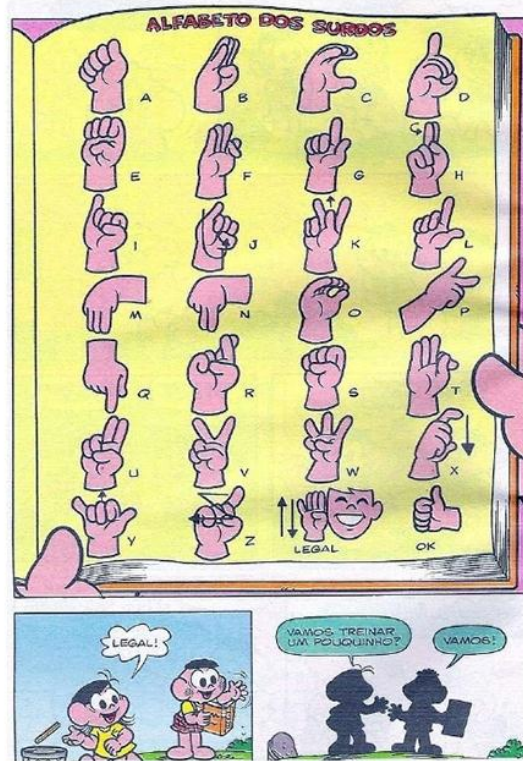
PARTE 2



N

NT

essa
seg
und
a
part
e, o
pers
ona
gem
sai
da
posi
ção
de





vítima e incomodado com a situação, demonstra para os seus colegas (Magali e Cascão) que eles não estão respeitando – o, a partir do momento em que tomam decisões por ele, não procurando formas de inserir Humberto no evento comunicativo.

O posicionamento que Humberto toma frente à Turma pode ser visto como representativo de atitudes que os surdos tomam quando se vêem como sujeitos que se colocam ativamente frente ao mundo. A história de Ricardo nos permite fazer relações com a construção desse lugar, pois Ricardo, em dado momento de sua vida, se coloca ativamente consciente de que o respeito a si próprio e o advindo pelos outros dependerá de seu posicionamento. Assim, temos um trecho em que Moura (2000) diz:

Ricardo [...] tinha já dezenove anos e estava na hora de sair para o mundo. E ele saiu. Conheceu ouvintes surdos. Aprendeu um pouco com uns, um pouco com outros [...] até que um dia ele conheceu uma família de surdos. Foi um espanto. Os Surdos se casavam, tinham filhos! Pela primeira vez na vida ele sentiu respeitado e aprendeu de verdade. (p. 12)

A respeito disso, Strobel (2002) afirma que “os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar sua condição cultural (...), iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito ‘diferente’ e não como ‘deficiente’.” (p.33)

PARTE 3



* SEMPRE QUE O BALÃO APARECE ASSIM É PORQUE A TURMA ESTÁ USANDO A LINGUAGEM DE SINAIS.

Nessa terceira parte, percebemos como o aborrecimento de “Humberto” serviu para que toda a turma (Magali, Cascão, Cebolinha e Mônica) se conscientizasse da importância em aprender a Língua Brasileira de Sinais, pois, dessa forma, eles poderiam se comunicar com ele e evitariam outras situações desagradáveis por não reconhecerem a diferença cultural linguística de Humberto. Percebemos que, a partir desse momento, começa a se estabelecer a relação intercultural que mencionamos anteriormente. Pois, há uma relação de trocas e compartilhamento da cultura surda, especificamente, da língua de sinais brasileira - Libras.

Mais uma vez dialogamos com Moura (2000) e trazemos essa construção de realidade intercultural o posicionamento de Ricardo.

Ele saía para conhecer pessoas, lugares, saber das coisas. E teve sucesso nas suas peregrinações. Conheceu outras cidades, outros Surdos. Entrou no mundo social, fez amigos. E como ele se desenvolvia, ajudou os outros Surdos que sabiam menos do que ele. Ia ao cinema, explicava o filme, ia em festas, era bem recebido.[...] Podemos ver Ricardo, rapaz bonito, indo de um lugar para o outro, encontrando-se com amigos Surdos e ouvintes e não desistindo de seus desafios. (p. 12)



A interação entre surdos e ouvintes é o grande desafio, pois ainda a Libras é desconhecida de muitas pessoas, apesar da disseminação atual por causa de seu reconhecimento como língua das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A HQ com Humberto apresenta essa realidade de interculturalidade necessária de modo lúdico.

PARTE 4



Nessa última parte da tirinha, as personagens estabelecem uma conversa através da Libras e essa situação causa grande alegria para ambas as partes. Humberto fica surpreso e ao mesmo tempo satisfeito por seu plano ter dado certo, e os demais da turma praticamente disputam a atenção do mesmo para mostrar os sinais que aprenderam com bastante entusiasmo. Essa interação entre as crianças ouvintes e surdas reflete o conceito de “comunidade surda”, pois, segundo Strobel (2002), essa expressão não diz respeito apenas aos surdos, mas também aos sujeitos ouvintes – membros de família, professores, amigos – “que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns



em uma determinada localização.” (p.31)

Na história real com a qual dialogamos Ricardo também consegue construir relações com ouvintes e surdos, mas como a vida de nossa personagem real, Ricardo, foi bem mais difícil, apesar de suas conquistas, ele não se sente feliz, pelo menos, não no momento da pesquisa com ele realizada. Assim, Moura (2000) nos apresenta suas últimas palavras sobre Ricardo:

Mas será que ele é feliz? Ele nos diz que não. Lembrando de seu rosto, vendo tudo o que ele faz, o quanto se arrisca (no momento em que escrevo ele está na Dinamarca fazendo um curso), eu poderia imaginar que ele era muito feliz, mas não. Ele se ressentia até hoje da família não tê-lo ajudado e de não ter se comunicado com ele, dele não saber português, de não existir um mundo pronto para ele. Porque é isto que ele sente: que o mundo está pronto para os ouvintes, mas não para os Surdos. (p. 12)

A realidade não possível de ser alcançada pela HQ que analisamos pode ser mais difícil do que podem imaginar os seus roteiristas, de todo modo, ela nos apresenta possibilidades de encontros subjetivos e objetivos que antes da Libras nem eram imaginados. Desse modo, acreditamos vemos como importante que Humberto seja apresentado para as crianças que leem a Turma da Mônica, pois, tanto mais aconteçam aparições de Humberto mais visíveis serão os surdos nos vários contextos de relações criadas, sejam estas ficção ou realidade.

CONSIDERAÇÕES



A partir da análise da tirinha “Aprendendo a falar com as mãos” da HQs da Turma da Mônica, concluímos que o personagem Humberto não é visto como “coitadinho”, ou como aquele que deve se adaptar à cultura oralista, mas sim como um sujeito que exige seu espaço e o reconhecimento da sua cultura e da sua língua.

Ao dialogarmos com Moura (2000) buscamos apresentar uma história de vida que possibilitasse ao leitor saber como é a realidade dos surdos e assim poder se colocar como sujeito aberto ou fechado às possibilidades de relações com os surdos.

Nossa perspectiva sobre o autor Maurício de Sousa é de que ele tem tido o cuidado de levar ao público infanto-juvenil personagens e enredos que giram em torno da temática do respeito às diferenças, pois várias são as crianças em suas histórias que interagem, brincam, divertem-se e são felizes convivendo com crianças que não compartilham de suas diferenças, mas compartilham de suas culturas, pondo em prática a *relação intercultural*.

Por fim, consideramos o gênero Histórias em Quadrinhos, em especial a da Turma da Mônica um excelente objeto pedagogicamente relevante para a formação leitora e social da criança, na medida em que promove a aceitação do “especial” na literatura infantil, fazendo com que o leitor seja capaz de interagir e reduzir as ideologias frutos do *universalismo*, para uma melhor convivência.

REFERÊNCIAS:

- AMARILHA, Marly. (organizadora). “Educação e leitura: novas linguagens, novos



leitores”. - Campinas, SP: Mercado de Letras; Natal, RN: UFRN, 2012.

- GOLDFELD, Marcis. “A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista. – 2º ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- MOURA, M. Cecília de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- SILVA, Daniele Nunes Henrique. “Como brincam as crianças surdas. - São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- STROBEL, Karin. “As imagens do outro sobre a cultura surda. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- Página da Turma da Mônica. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto/>. Último acesso 30/09/2016.